

A CASA DE BERNARDA ALBA

FEDERICO GARCIA LORCA

Texto distribuído pelo portal Oficina de Teatro – www.oficinadeteatro.com

Esse texto pode conter **direitos autorais**, e para utilizá-lo comercialmente/publicamente entre em contato com o autor ou seu representante.

A CASA DE BERNARDA ALBA
DRAMA DE MULHERES EM POVOADOS DA ESPANHA
(1936)

PERSONAGENS

BERNARDA (60 anos)
MARIA JOSEFA (mãe de Bernarda, 80 anos)
ANGÚSTIAS (filha de Bernarda, 39 anos)
MADALENA (filha de Bernarda, 30 anos)
AMÉLIA (filha de Bernarda, 27 anos)
MARTÍRIO (filha de Bernarda, 24 anos)
ADELA (filha de Bernarda, 20 anos)
LA PONCIA (criada, 60 anos)
CRIADA (50 anos)
PRUDÊNCIA (50 anos)
MENDIGA
1ª MULHER
2ª MULHER
3ª MULHER
4ª MULHER
MOÇA
MULHERES DE LUTO

O poeta faz ver que estes três atos têm a intenção de um documentário fotográfico.

PRIMEIRO ATO

Aposento muito alvo do interior da casa de Bernarda. Paredes grossas. Portas em arco, de cortinas de juta rematadas com medronhos e enfeites de tecido. Cadeiras de balanço. Quadros com paisagens inverossímeis de ninfas ou reis lendários. É verão. Um grande silêncio sombrio se estende pela cena. Ao levantar-se o pano, a cena está vazia. Ouvem-se dobrar os sinos. Entra a Criada.

CRIADA

Já tenho o dobre desses sinos na cabeça.

LA PONCIA

(Entra comendo chouriço e pão.) – Estão há mais de duas horas nessa cantilena. Chegaram padres de todos os lugares. A igreja ficou muito bonita. Madalena desmaiou no primeiro responso.

CRIADA

Ela é a que fica mais só.

LA PONCIA

Era a única que queria bem ao pai. Ah! Graças a Deus estamos sós um pouquinho! Vim para comer.

CRIADA

Se D. Bernarda te visse!

LA PONCIA

Desejaria, agora que não come nada, que todos nós morrêssemos de fome. Mandona! Dominadora! Mas não lhe faltam desgostos. Abri-lhe o pote dos chouriços.

CRIADA

(*Com tristeza, ansiosa.*) – Por que não me dás algum para minha filha, Poncia?

LA PONCIA

Entra e leva também um punhado de grãos-de-bico. Hoje ela não perceberá nada.

VOZ

(*Dentro.*) – Bernarda!

LA PONCIA

A velha. Está bem fechada?

CRIADA

Com duas voltas de chave.

LA PONCIA

Deves pôr também a tranca. Tem uns dedos que são como cinco gazuas.

VOZ

Bernarda!

LA PONCIA

(*Gritando.*) – Já vai! (*À Criada.*) – Limpa bem tudo. Se Bernarda não vê as coisas reluzindo me arrancará os poucos cabelos que me restam.

CRIADA

Que mulher!

LA PONCIA

Tirana de todos que a rodeiam. É capaz de sentar-se em cima do teu coração e ver como te morres durante um ano sem perder o sorriso frio que leva na sua maldita cara. Limpa, limpa esses vidros!

CRIADA

Já tenho sangue nas mãos de tanto esfregá-los.

LA PONCIA

Ela, a mais asseada; ela, a mais decente; ela, a que está acima de todos. Bom descanso ganhou o pobre marido!

(*Cessam os sinos.*)

CRIADA

Vieram todos os parentes?

LA PONCIA

Os dela. A gente dele a odeia. Vieram vê-lo morto e lhe fizeram o sinal-da-cruz.

CRIADA

Há bastante cadeiras?

LA PONCIA

Sobram. Que se sentem no chão. Desde que morreu o pai de Bernarda não voltou a entrar qualquer pessoa debaixo destes telhados. Não quer que a vejam nos seus domínios. Maldita seja!

CRIADA

Contigo ela procedeu bem.

LA PONCIA

Trinta anos lavando lençóis; trinta anos comendo suas sobras; noites velando quando tosse; dias inteiros olhando pelas gretas para espiar os vizinhos e lhe ir contar o que via. Vida sem segredos uma com a outra. Mesmo assim, maldita seja! Que a dor aguda do prego lhe espete os olhos!

CRIADA

Mulher!

LA PONCIA

Sou é boa uma cadela. Ladro quando me ordenam e morde o calcanhar dos que lhe pedem esmola, quando ela me atíça. Meus filhos trabalham nas terras dela e já estão casados os dois: mas um dia me fartarei.

CRIADA

E nesse dia. . .

LA PONCIA

Nesse dia me fecharei com ela num quarto e ficarei cuspidinho-lhe um ano inteiro. “Bernarda, é por isso, por aquilo, por aquilooutro”, até deixá-la como uma lagarta pisada pelas crianças, que é o que ela é e toda a sua parentela. Está claro que não invejo sua vida. Ficam-lhe cinco mulheres, cinco filhas feias, que, tirando Angústias, a mais velha, que é filha do primeiro marido e tem dinheiro, as demais, muitas peças de renda bordada, muitas camisolas de linho, mas uma herança apenas: pão e uvas.

CRIADA

Pois eu bem queria ter o que elas têm.

LA PONCIA

Nós temos mãos e uma cova na terra da verdade.

CRIADA

É a única terra que nos deixam, às que não temos nada.

LA PONCIA

(Junto ao armário.) – Este cristal tem umas manchas.

CRIADA

Nada as tira. Nem sabão nem pano.

(Soam os sinos.)

LA PONCIA

É o último responso. Vou escutá-lo. Gosto muito do modo como canta o vigário. No “Padre Nosso” subiu, subiu a voz que parecia um cântaro d’água enchendo-se pouco a pouco. Verdade que desafinou ao terminar. Mas é um conforto ouvi-lo. Agora, ninguém como o antigo sacristão, o Tronchapinos. Na missa de minha mãe, que Deus tenha, cantou. Retumbavam as paredes, e quando dizia “Amém” era como se um lobo tivesse entrado na igreja. *(Imitando-o.)* – Améé-ém! *(Põe-se a tossir.)*

CRIADA

Ainda rebentas a garganta.

LA PONCIA

Outra coisa é que eu rebentaria! *(Sai rindo.)*

(A Criada limpa. Soam os sinos.)

CRIADA

(Elevando o canto.) – Blim, blim, blão. Blim, blim, blão. Que Deus lhe tenha perdoado!

MENDIGA

(Com uma meninazinha.) – Louvado seja Deus!

CRIADA

Blim, blim, blão. Que espere por nós muitos anos! Blim, blim, blão.

MENDIGA

(Forte e com certa irritação.) – Louvada seja Deus!

CRIADA

(Irritada.) – Para sempre!

MENDIGA

Venho para levar as sobras.

(Cessam os sinos.)

CRIADA

Pois podes ir. As de hoje são para mim.

MENDIGA

Tu tens quem ganhe para dar-te, mulher. Eu e minha filha estamos sós!

CRIADA

Também os cães estão sós, e vivem.

MENDIGA

Sempre me dão as sobras.

CRIADA

Fora daqui! Quem lhes disse que entrassem? Já me deixaram as marcas dos pés no chão. (*Vão-se. Põe-se a limpar.*) Chão polido com azeite, armários, pedestais, camas de ferro, para que bebamos fel as que como nós vivemos em choupanas, com um prato e uma colher. Espero em Deus que nem um só de nós fique para semente. (*Voltam a soar os sinos.*) – Sim, sim, venham clamores! Venha o caixão com fios dourados e coberto com enfeites de luto para o levar! Como estás agora, estarei eu um dia! Amofina-te, Antônio Maria Benavides, esticado na tua roupa nova, com as tuas botas perfeitas! Amofina-te! Já não voltarás a me levantar as saias atrás da porta do curral! (*Pelo fundo, de duas em duas, começam a entrar Mulheres de Luto, com grandes lenços, vestidos de cauda e leques pretos. Entram lentamente até encher a cena. A Criada rompe os gritos.*) – Ai! Antônio Maria Benavides, que já não verás estas paredes, nem comerás o pão desta casa! Fui a que mais te quis bem entre aquelas que te serviram. (*Desgrenhando-se.*) – E hei de viver depois de teres partido? Hei de viver?

(*Acabam de entrar as duzentas Mulheres e aparecem Bernarda e suas cinco Filhas.*)

BERNARDA

(*Para a Criada.*) – Silêncio!

CRIADA

(*Chorando.*) – Bernarda!

BERNARDA

Menos gritos e mais obras. Devias ter procurado limpar mais tudo isto para receber o cortejo. Vai-te. Não é este o teu lugar. (*A Criada se vai chorando.*) – Os pobres são como os animais; parecem feitos de outras substâncias.

1ª MULHER

Os pobres também têm seus sofrimentos.

BERNARDA

Mas logo esquecem diante de um prato de grãos-de-bico.

MOÇA

(*Com timidez.*) – Comer é preciso para viver.

BERNARDA

Na tua idade não se fala diante das pessoas mais velhas

1ª MULHER

Cala-te, menina.

BERNARDA

Nunca deixei que ninguém me desse lições. Sentem-se. (*Sentam-se. Pausa. Forte.*)

– Não chores. Madalena. Se queres chorar, vai para debaixo da cama. Ouviste?

2ª MULHER

(*A Bernarda.*) – Já iniciaste os trabalhos na eira?

BERNARDA

Ontem.

3ª MULHER

O sol está que nem chumbo.

1ª MULHER

Faz anos não sinto um calor igual.

(*Pausa. Todas se abanam.*)

BERNARDA

Está pronta a limonada?

LA PONCIA

Sim, Bernarda. (*Entra com uma bandeja cheia de copos brancos, que distribui.*)

BERNARDA

Leva para os homens.

LA PONCIA

Já estão bebendo no pátio.

BERNARDA

Que saiam por onde entraram. Não quero que passem por aqui.

MOCA

(*A Angústias.*) – Pepe Romano estava entre os homens no enterro.

ANGÚSTIAS

Estava.

BERNARDA

Estava sua mãe. Ela viu sua mãe. Nem eu nem ela vimos Pepe.

MOCA

Pareceu-me. . .

BERNARDA

Quem estava era o viúvo de Darajalí. Muito colado à tua tia, aliás. Esse é que nós todas vimos.

2ª MULHER

(*À parte, em voz baixa.*) – Má, pior que má!

3ª MULHER

(*O mesmo.*) – Língua cortante!

BERNARDA

As mulheres na igreja só devem olhar um homem: o oficiante. E esse mesmo porque tem saias. Virar a cabeça é buscar o que não se deve.

1ª MULHER

(*Em voz baixa.*) – Velha lagarta ressequida!

LA PONCIA

Videira murcha por não ter calor de homem!

BERNARDA

Louvado seja Deus!

TODAS

(*Persignando-se.*) – Para sempre seja bendito e louvado.

BERNARDA

Descansa em paz com a santa
sempre à tua cabeceira!

TODAS

Descansa em paz!

BERNARDA

Com o arcanjo São Gabriel,
sua espada justiceira.

TODAS

Descansa em paz!

BERNARDA

Com a chave que tudo abre
e com a mão que tudo fecha.

TODAS

Descansa em paz!

BERNARDA

Com os bem-aventurados
e os vaga-lumes no campo.

TODAS

Descansa em paz!

BERNARDA

Com a nossa caridade
e as almas de terra e mar.

TODAS

Descansa em paz!

BERNARDA

Concede o repouso ao teu servo Antônio Maria Benavides e dá-lhe a coroa de tua santa glória.

TODAS

Amém.

BERNARDA

(Ergue-se e canta.) – “Requiem aeternum donat eis Domine.”

TODAS

(De pé e cantando à maneira gregoriana.) – “Et lux perpetua luceat eis” *(Persignam-se.)*

1ª MULHER

Saúde, para rogar por sua alma. *(Vão desfilando.)*

3ª MULHER

Nunca te falte o pão fresco.

2ª MULHER

Nem o teto para tuas filhas. *(Vão desfilando todas diante de Bernarda e saindo.)*
(Sai Angústias por outra porta que dá para o pátio.)

4ª MULHER

Que sigas desfrutando o mesmo trigo de teu casamento.

LA PONCIA

(Entrando com uma bolsa.) – Da parte dos homens, este dinheiro para responsos.

BERNARDA

Agradece-lhes e serve-lhes um copo de aguardente.

MOCA

(À Madalena.) – Madalena. . .

BERNARDA

(À Madalena, que começou a chorar.) – Psiu! *(Saem todas. Às que saíram:)* – Rumem para suas casas a criticar tudo o que viram aqui! Tomara que levem muitos anos a entrar pela minha porta.

LA PONCIA

Não te podes queixar. Veio o povoado inteiro.

BERNARDA

Sim. Para encher minha casa com o suor de suas saias e o veneno de suas línguas.

AMÉLIA

Mãe, não fale assim.

BERNARDA

É assim que se tem de falar neste maldito povoado sem rio, de poços onde sempre se bebe água com medo que esteja envenenada.

LA PONCIA

Como não ficou a soleira!

BERNARDA

É como se tivesse passado uma manada de cabras. *(La Poncia limpa o chão.)* – Filha, dá-me o leque.

ADELA

Tome. *(Dá-lhe um leque redondo com flores vermelhas e verdes.)*

BERNARDA

(Atirando o leque no chão.) – É este leque que se dê a uma viúva? Dá-me um preto e aprende a respeitar o luto de teu pai.

MARTÍRIO

Tome o meu.

BERNARDA

É tu?

MARTÍRIO

Não tinha calor.

BERNARDA

Pois busca outro, que te fará falta. Oito anos que dure o luto não há de entrar nesta casa o vento da rua. Faremos de conta que tapamos com tijolos portas e janelas. Assim se passou na casa de meu pai e na de meu avô. Enquanto isso, podem começar a bordar o enxoval. Tenho na arca vinte peças de linho para os lençóis e fronhas. Madalena pode bordá-los.

MADALENA

Para mim dá no mesmo.

ADELA

(Irritada.) – Se não queres bordá-los, ficarão sem bordados. Assim os teus brilharão mais.

MADALENA

Nem os meus nem os de vocês. Sei que não vou me casar. Prefiro levar sacos ao moinho. Tudo menos estar sentada dias e dias nesta sala escura.

BERNARDA

É o que cabe às mulheres.

MADALENA

Maldita sejam as mulheres.

BERNARDA

Aqui se faz o que eu mando. Já não me podes intrigar com teu pai. Linha e agulha para as mulheres. Chicote e mula para o varão. É como vive quem tem posses.

(Sai Adela.)

VOZ

Bernarda! Deixa-me sair!

BERNARDA

(Em voz alta.) – Pode soltá-la!

(Entra a criada.)

CRIADA

Foi difícil contê-la. Apesar dos seus oitenta anos, sua mão é forte como um carvalho.

BERNARDA

Tem a quem puxar. Meu avô foi assim também.

CRIADA

Durante o enterro tive que lhe tapar várias vezes a boca com um saco vazio porque queria chamar a senhora para que lhe desse ao menos água de limpeza para beber e carne de cachorro. É o que ela diz que a senhora lhe dá.

MARTÍRIO

Tem má intenção!

BERNARDA

(À Criada.) – Deixa que ela se desabafe no pátio.

CRIADA

Tirou do cofre seus anéis e os brincos de ametista. Colocou-os, e me disse que queria se casar.

(As filhas saem.)

BERNARDA

Vai com ela e toma cuidado para que não se aproxime do poço.

CRIADA

Não se preocupe que ela não se atira.

BERNARDA

Não é por isso. . . É que daquele lugar as vizinhas pode, vê-la da janela.
(*Sai a Criada.*)

MARTÍRIO

Vamos trocar de roupa.

BERNARDA

Sim. Mas ninguém tire o lenço da cabeça. (*Entra Adela.*) – E Angústias?

ADELA

(*Com intenção.*) – Via-a olhando pelas grades do portão. Os homens acabam de se ir.

BERNARDA

E tu, que é que foste fazer também no portão?

ADELA

Quis ver se as galinhas tinham posto.

BERNARDA

Mas os homens já tinham saído!

ADELA

(*Com intenção.*) – Havia ainda um grupo parado lá fora.

BERNARDA

(*Furiosa.*) – Angústias! Angústias!

ANGÚSTIAS

(*Entrando.*) – Que é que a senhora manda?

BERNARDA

Que olhavas e a quem?

ANGÚSTIAS

Ninguém.

BERNARDA

É decente que uma mulher de tua classe vá com o anzol atrás de um homem no dia da missa dos seu pai? Responde! A quem olhavas?

(*Pausa.*)

ANGÚSTIAS

Eu. . .

BERNARDA

Tu!

ANGÚSTIAS

Ninguém!

BERNARDA

(*Avançando e batendo-lhe.*) – Mentirosa! Derretida!

LA PONCIA

(*Correndo.*) – Calma, calma, Bernarda! (*Segura-a*)
(*Angústias chora.*)

BERNARDA

Todas daqui para fora! (*Saem.*)

LA PONCIA

Ela agiu sem saber o que fazia. Chocou-me vê-la escapulir-se para o pátio. Fiquei atrás de uma janela ouvindo a conversa dos homens, que, como sempre, não de pode ouvir.

BERNARDA

Para isso vêm aos enterros (*Com curiosidade.*) – De que falavam?

LA PONCIA

De Paca Roseta. Ontem `a noite amarraram seu marido na manjedoura e levaram-na na garupa de um cavalo até o alto do olival.

BERNARDA

E ela?

LA PONCIA

Conformou-se inteiramente. Dizem que ia com os seios de fora e que Maximiliano a apertava nos braços como se tocasse violão. Um horror!

BERNARDA

E que é que aconteceu?

LA PONCIA

O que devia acontecer. Voltaram quase de dia. Paca Roseta trazia os cabelos soltos e uma coroa de flores na cabeça.

BERNARDA

É a única mulher má que temos no povoado.

LA PONCIA

Porque não é daqui, mas de muito longe. E os que foram com ela são também filhos de forasteiros. Os homens daqui não são capazes disso.

BERNARDA

Não. Mas bem que gostam de ver e comentar e lambem os dedos quando se dão fatos assim.

LA PONCIA

Contavam muitas coisas mais.

BERNARDA

(Olhando para um lado e outro, com certo temos.) – Quais?

LA PONCIA

Tenho até vergonha de dizer.

BERNARDA

E minha filha ouviu?

LA PONCIA

Claro!

BERNARDA

Puxou às tias, umas brancas e derretidas que faziam uns olhos de carneiro ao galanteio de qualquer barbeiro. Quanto se tem de sofrer e lutar para que as pessoas sejam honestas e não desandem!

LA PONCIA

É o que tuas filhas já estão na idade de conseguir. Quase não te incomodam. Angústias já deve ter mais de trinta anos.

BERNARDA

Trinta e nove justos.

LA PONCIA

Calcula! E nunca teve um noivo. . .

BERNARDA

(Furiosa.) – Não teve noivo nenhuma delas, nem lhes faz falta! Podem muito bem passar sem eles.

LA PONCIA

Não te quis ofender.

BERNARDA

Não há em cem léguas da redondeza quem se compare a elas. Os homens daqui não são da sua classe. Queres que eu as entregue a um qualquer?

LA PONCIA

Devias ter ido para outro povoado.

BERNARDA

Isso! Para vendê-las!

LA PONCIA

Não, Bernarda, para mudar. . . Está claro que em outro lugar elas é que seriam as pobres.

BERNARDA

Cala essa língua terrível!

LA PONCIA

Contigo não se pode conversar. Confiamos ou não uma na outra?

BERNARDA

Não. tu me serves e eu te pago. Nada mais!

CRIADA

(Entrando.) – Está aí D. Artur. Vem cuidar das partilhas.

BERNARDA

Vamos. *(À Criada.)* – Começa a limpar o pátio. *(À La Poncia.)* – E tu, vai guardando na arca grande toda a roupa do morto.

LA PONCIA

Podíamos dar algumas coisas.

BERNARDA

Nada. Nem um botão! Nem o lenço com que lhe tapamos a cara. *(Sai lentamente e ao sair volta a cabeça e fita suas Criadas.)*

(As Criadas saem depois. Entram Amélia e Martírio)

AMÉLIA

Tomaste o remédio?

MARTÍRIO

Para que me servirá?

AMÉLIA

Porém o tomaste.

MARTÍRIO

Faço tudo sem fé, mas como um relógio.

AMÉLIA

Desde que chegou o médico novo estás mais animada.

MARTÍRIO

Eu me sinto na mesma.

AMÉLIA

Notaste? Adelaide não foi ao enterro.

MARTÍRIO

Já sabia. O noivo não a deixa aparecer nem na porta da rua. Dantes era feliz. Agora, nem passa pó na cara.

AMÉLIA

Já não se sabe se é melhor ou não ter um noivo.

MARTÍRIO

Dá no mesmo.

AMÉLIA

Toda a culpa vem dessas críticas que não nos deixam viver em paz. Adelaide deve ter passado maus momentos.

MARTÍRIO

Tem medo de nossa mãe. É a única que conhece a história de seu pai e a origem de suas terras. Sempre que ela vem não deixa de feri-la tocando no assunto. Seu pai matou em Cuba o marido da primeira mulher para casar-se com ela. Logo a deixou e se foi embora com outra que tinha uma filha moça. Pois não demorou a conquistar a moça, que á a mãe de Adelaide, e com ela se casou depois de ter feito morrer louca sua Segunda mulher.

AMÉLIA

E esse miserável, porque não está preso?

MARTÍRIO

Porque os homens se protegem uns aos outros em coisas dessa espécie e ninguém é capaz de denunciar.

AMÉLIA

Mas Adelaide não tem culpa nenhuma.

MARTÍRIO

Não. As coisas, porém, se repetem. Tudo é uma terrível repetição. Coube-lhe a mesma sorte da mãe e da avó, ambas mulheres daquele que a gerou.

AMÉLIA

Que coisa absurda!

MARTÍRIO

É preferível não ver nunca um homem. Desde menina tive medo deles. Via-os no curral jungindo os bois e levando às costas o trigo entre gritos e sapatadas e sempre receei crescer por temor de me encontrar subitamente abraçada por eles. Deus me fez fraca e feia e os afastou definitivamente de mim.

AMÉLIA

Não digas isso! Henrique Humanas andou atrás de ti. E bem que gostavas.

MARTÍRIO

Invenções dessa gente. Uma vez fiquei só de camisola atrás da janela até amanhecer, porque me avisou pela filha de seu criado que ia vir e não veio. Tudo não passou de intrigas. Casou-se logo com outra que tinha mais do que eu.

AMÉLIA

E feia como o diabo!

MARTÍRIO

Pouco se importam com a feiúra. O que lhes interessa é a terra, as juntas de bois, e uma cadela submissa que lhes faça a comida.

AMÉLIA

Ai! (*Entra Madalena.*)

MADALENA

Que é que estão fazendo?

MARTÍRIO

Estamos aqui.

AMÉLIA

E tu?

MADALENA

Para andar um pouco, acabo de correr os quartos. De ver os quadros bordados de talagarça de nossa avó, o cãozinho de lã e o negro lutando com o leão, que tanto apreciávamos quando pequenas. Aquele era um tempo mais alegre. Uma boda durava dez dias e não havia más-línguas. Hoje existe mais luxo, as noivas trazem véu branco como nas cidades e se bebe vinho engarrafado. Mas apodrecemos temendo o que não dirão.

MARTÍRIO

Sabe Deus o que ocorria naquele tempo!

AMÉLIA

(*À Madalena.*) – Os cordões de um dos teus sapatos estão desamarrados.

MADALENA

Que me importa!

AMÉLIA

Vai pisá-los e cair.

MADALENA

Era uma de menos!

MARTÍRIO

E Adela?

MADALENA

Ah! Essa pôs o vestido verde feito para estrear no seu aniversário, entrou no galinheiro e começou a gritar: “Galinhas! Galinhas, contemplem-me!” Não pude deixar de rir.

AMÉLIA

Se a mãe a visse!

MADALENA

Pobrezinha! É a mais nova de nós e tem ilusões. Daria tudo para vê-la feliz.

(Pausa. Angústias cruza a cena com umas toalhas na mão.)

ANGÚSTIAS

Que horas são/

MADALENA

Já deve ser meio-dia.

ANGÚSTIAS

Já?

AMÉLIA

Não tarda a bater.

(Sai Angústias.)

MADALENA

(Com intenção.) – Já sabem o que houve? *(Aponta para Angústias.)*

AMÉLIA

Não.

MADALENA

Deixa disso!

MARTÍRIO

Não sei a que te referes. . .

MADALENA

Vocês sabem melhor do que eu. Estão sempre cabeça com cabeça como duas ovelhinhas, mas sem se abrir com ninguém. O caso de Pepe Romano!

MARTÍRIO

Ah!

MADALENA

(Remedando-o) – Ah! Já se comenta no povoado. Pepe Romano vai casar-se com Angústias. Esta noite esteve rondando a casa e creio que em breve vai mandar alguém para fazer o pedido.

MARTÍRIO

Alegro-me. É um bom rapaz.

AMÉLIA

Eu também. Angústias é muito prendada.

MADALENA

Nenhum de vocês se alegra.

MARTÍRIO

Madalena! Que dizes, mulher?

MADALENA

Se viesse pela pessoa de Angústia, por Angústias como mulher, eu me alegraria. Mas vem pelo dinheiro. Mesmo Angústias sendo nossa irmã, aqui estamos em família e reconhecemos que está velha, doente, e que sempre foi, entre nós, a de menores atrativos. Se aos vinte anos parecia um pau vestido, que será agora que tem quarenta!

MARTÍRIO

Não fales desse modo. Afinal, a sorte vem para quem menos a espera.

AMÉLIA

Só disse a verdade. Angústias tem todo o dinheiro de seu pai, é a única rica da casa, e por isso, agora que nosso pai morreu e se farão as partilhas, é que ele vem por causa dela!

MADALENA

Pepe Romano tem vinte e cinco anos e é o homem de melhor aparência que há nesses arredores. O natural seria que pretendesse a ti, Amélia, ou a nossa Adela, que tem vinte anos, mas não que venha buscar a mais apagada deste casa, uma mulher que, como seu pai, é fanhosa.

MARTÍRIO

Quem sabe se não gosta dela?

MADALENA

Nunca pude tolerar tua hipocrisia!

MARTÍRIO

Valha-me Deus!

(Entra Adela.)

MADALENA

Foste exhibir-te para as galinhas?

ADELA

Que querias que eu fizesse?

AMÉLIA

Se a mãe te visse lá, te trazia arrastada pelos cabelos!

ADELA

O vestido me pôs muito feliz. Pensava usá-lo no dia em que formos comer melancia lá perto da cisterna. Não haveria outro igual.

MARTÍRIO

É um vestido muito bonito.

ADELA

E que me cai muito bem. O melhor que Madalena já fez.

MADALENA

E as galinhas, que foi que te disseram?

ADELA

Regalaram-se com pulgas que me crivaram as pernas. *(Riem.)*

MARTÍRIO

O que podes fazer é tingi-lo de preto.

MADALENA

O melhor que podes fazer é dá-lo a Angústias, para as bodas com Pepe Romano.

ADELA

(Com emoção contida.) – Mas. . . Pepe Romano?

AMÉLIA

Não ouviste dizer?

ADELA

Não.

MADALENA

Então agora já sabes.

ADELA

Não pode ser!

MADALENA

O dinheiro pode tudo!

ADELA

Por isso é que ele saiu e ficou olhando pelo portão? *(Pausa.)* – Esse homem é capaz de...

MADALENA

Capaz de tudo.

MARTÍRIO

Em que estás pensando, Adela?

ADELA

Que este luto me colheu na pior época da minha vida. Vai ser duro suportá-lo.

MADALENA

Logo te acostumarás.

ADELA

(Pondo-se a chorar com raiva.) – Não me acostumarei. Não posso viver encerrada. Não quero que minhas carnes fiquem como a de vocês. Não quero perder o frescor da minha pele aqui. Amanhã porei meu vestido verde e irei passear na rua. Eu quero sair!

(Entra a Criada.)

MADALENA

(Autoritária.) – Adela!

CRIADA

Pobrezinha! Como sente a falta do pai. . . *(Sai.)*

MARTÍRIO

Cala-te!

AMÉLIA

O que for para uma será para todas.

(Adela se acalma.)

MADALENA

Quase que a criada te ouviu.

(Aparece a Criada.)

CRIADA

Pepe Romano vem no alto da rua.

(Amélia, Martírio e Madalena correm pressurosas.)

MADALENA

Vamos vê-lo! *(Saem apressadas.)*

CRIADA

(À Adela.) – Não vais?

ADELA

Não me interessa.

CRIADA

Quando dobrar a esquina, da janela do teu quarto poderá ser visto melhor. *(Sai.)*

(Adela fica em cena vacilando; um instante depois se dirige também, rapidamente, para o quarto. Entram Bernarda e La Poncia.)

BERNARDA

Malditas partilhas!

LA PONCIA

Quanto dinheiro ficou para Angústias!

BERNARDA

Sim.

LA PONCIA

Para as outras, muito menos.

BERNARDA

Já me disseste três vezes e não te quis responder. Bastante menos, muito menos. Não me lembres mais disso.

(Entra Angústias, muito pintada.)

BERNARDA

Angústias!

ANGÚSTIAS

Mãe.

BERNARDA

Tiveste coragem de empoar a cara? De lavá-la no dia da morte de teu pai?

ANGÚSTIAS

Não era meu pai. O meu pai morreu faz tempo. Será que já não se lembra dele?

BERNARDA

Mais deves a este homem, pai de tuas irmãs, que a teu pai. Graças a ele tua fortuna cresceu.

ANGÚSTIAS

É o que teremos de ver.

BERNARDA

Que fosse ao menos por decência. Por respeito!

ANGÚSTIAS

Mãe, deixe-me ir.

BERNARDA

Ir, Só depois de teres tirado esse pó da cara. Derretida! Tola! És tuas tias sem tirar nem pôr! (*Tira-lhe violentamente o pó com um lenço.*) – Agora, vai-te!

LA PONCIA

Bernarda, não sejas tão severa!

BERNARDA

Mesmo que minha mãe esteja louca, eu estou nos meus cinco sentidos, e sei perfeitamente o que faço.

(*Entram todas.*)

MADALENA

Que houve?

BERNARDA

Não houve nada.

MADALENA

(*À Angústias.*) – Se discutem por motivo das partilhas, tu, que és a mais rica, podes ficar com tudo.

ANGÚSTIAS

Guarda essa língua numa toca.

BERNARDA

(*Batendo com o pé no chão.*) – Não tenhas ilusões de que vão poder comigo. Até que saia morta desta casa mandarei no que é meu e no que é de todas.

(*Ouvem-se gritos e entra em cena Maria Josefa, mãe de Bernarda. Velhíssima, enfeitada com flores na cabeça e no peito.*)

MARIA JOSEFA

Bernarda, onde está minha mantilha? Nada do que tenho quero que vá para vocês. Nem meus anéis, nem meu vestido preto de “moaré”. Porque nenhuma de vocês se casará. Nenhuma! Bernarda, dá-me a minha gargantilha de pérolas.

BERNARDA

(*À Criada.*) – Por que a deixaste vir?

CRÍADA

(*Tremendo.*) – Escapou-me!

MARIA JOSEFA

Escapei-me porque quero me casar, porque quero me casar com um belo homem de beira-mar, já que aqui os homens fogem das mulheres.

BERNARDA

Cale-se, mãe!

MARIA JOSEFA

Não. Não me calo. Não quero ver estas mulheres solteiras ansiando pelo casamento, desfazendo em pó o coração. Quero ir para minha terra, Bernarda, quero um homem para me casar e para ter alegria.

BERNARDA

Fechem-na de novo!

MARIA JOSEFA

Deixa-me sair, Bernarda!

(A Criada agarra Maria Josefa.)

BERNARDA

Ajudem-na todas! *(Todas arrastam a velha.)*

MARIA JOSEFA

Quero ir-me daqui, Bernarda! Para casar-me à beira-mar, lá pertinho do mar!

Pano rápido

SEGUNDO ATO

Compartimento branco no interior da casa de Bernarda. As portas da esquerda dão para os quartos. As Filhas de Bernarda estão cosendo, sentadas em cadeiras baixas. Madalena borda. Com elas está La Poncia.

ANGÚSTIAS

Já cortei terceiro lençol.

MARTÍRIO

Esse é para Amélia.

MADALENA

Angústias, ponho também as iniciais de Pepe?

ANGÚSTIAS

(Seca.) - Não.

MADALENA

(Gritando.) – Adela, não vens?

AMÉLIA

Deve estar estendida na cama.

LA PONCIA

Essa tem alguma coisa. Acho-a sem sossego, trêmula, assustada, como se tivesse uma lagartixa entre os seios.

MARTÍRIO

Não tem nem mais nem menos do que todas nós.

MADALENA

Todas, menos Angústias.

ANGÚSTIAS

Eu estou bem, e, a quem doa, que rebente.

MADALENA

Desde logo se deve reconhecer que o melhor que tiveste foi o talhe e a delicadeza.

ANGÚSTIAS

Felizmente, em breve sairei deste inferno.

MADALENA

Para melhor não sais!

MARTÍRIO

Vamos mudar de assunto.

ANGÚSTIAS

E, além de tudo, vale mais ter ouro na arca do que uma cara bonita.

MADALENA

Tudo isso me entra por um ouvido e sai pelo outro.

AMÉLIA

(À *La Poncia*.) – Abre a porta do pátio para ver se entre um pouco de ar fresco.

(À *criada abre*.)

MARTÍRIO

A noite passada não pude dormir, tal o calor.

AMÉLIA

Nem eu.

MADALENA

Tive de me levantar para refrescar-me. O céu ameaçava um temporal e até caíram algumas gotas.

LA PONCIA

Era uma da madrugada e como que subia fogo da terra . Também me levantei. Angústias ainda estava falando com Pepe.

MADALENA

(*Com ironia*.) – Tão tarde? A que horas ele se foi?

ANGÚSTIAS

Madalena, para que perguntas, se o viste?

AMÉLIA

Foi por cerca de uma e meia.

ANGÚSTIAS

Verdade? Como o sabes?

AMÉLIA

Escutei-o tossir e ouvi passos do seu cavalo.

LA PONCIA

Pois eu o senti ir-se, mas aí pelas quatro.

ANGÚSTIAS

Não seria ele.

LA PONCIA

Estou certa de que era.

AMÉLIA

A mim também me pareceu.

MADALENA

Que coisa estranha!

(*Pausa*.)

LA PONCIA

Angústias: que foi que te disse a primeira vez que chegou até tua janela?

ANGÚSTIAS

Nada. Que poderia dizer? O que se conversa sempre.

MARTÍRIO

Realmente é extraordinário que duas pessoas que não se conhecem se vejam de repente numa janela e já noivos.

ANGÚSTIAS

Pois a mim não me chocou

AMÉLIA

A mim me daria nem sei o quê.

ANGÚSTIAS

Não, porque quando um homem se acerca de uma janela já sabe, pelos que vão e vêm, levam e trazem, que a mulher lhe dirá que sim.

MARTÍRIO

Bem, mas ele teve de se abrir contigo.

ANGÚSTIAS

É evidente.

AMÉLIA

(*Curiosa.*) – E como é que o fez?

ANGÚSTIAS

Nada demais. Assim: “Já sabes que ando atrás de ti, que preciso de uma mulher bondosa, comportada, e essa és tu. Se me aceitas. . .”

AMÉLIA

Essas coisas me envergonham.

ANGÚSTIAS

A mim também. Mas temos de passar por elas.

LA PONCIA

Ainda falou mais?

ANGÚSTIAS

Sim. Ele é que falou sempre.

MARTÍRIO

E tu?

ANGÚSTIAS

Eu não pude. Quase me saiu o coração pela boca. Era a primeira vez que estava só, de noite, com um homem.

MADALENA

E um homem tão belo.

ANGÚSTIAS

Não tem má aparência.

LA PONCIA

Essas coisas acontecem entre as pessoas já um pouco instruídas, que falam e conversam e movem as mãos. . . A primeira vez que meu marido Evaristo Colin veio até minha janela. . . Ah, ah, ah.

AMÉLIA

Que houve?

LA PONCIA

Estava muito escuro. Vi-o aproximar-se. Ao chegar, me disse: “Boas noites”. “Boas noites”, respondi, e ficamos calados mais de meia hora. O suor me escorria pelo corpo inteiro. Então Evaristo achegou-se, achegou-se tanto que era como se quisesse se meter entre as grades, e disse em voz muito baixa: “Vem que eu te agarro!” (*Todas riem.*)

(*Amélia se levanta correndo e espia por uma porta.*)

AMÉLIA

Ai! Pensei que nossa mãe vinha para cá.

MADALENA

Estávamos perdidas. (*Continuam rindo.*)

AMÉLIA

Psiu! Que não nos ouçam!

LA PONCIA

Depois se comportou bem. Em vez de dar para outra coisa, deu para criar pintassilgos até morrer. A vocês, que são solteiras, convém saber de algum modo que o homem, quinze dias depois do casamento, deixa a cama pela mesa e logo a mesa pela taberna, e a que não se conforma apodrece chorando a um canto.

AMÉLIA

Tu te conformaste.

LA PONCIA

Eu pude com ele!

MARTÍRIO

É verdade que o surraste algumas vezes?

LA PONCIA

Sim, e por pouco não o aleijei.

MADALEMA

Assim deviam ser todas as mulheres!

LA PONCIA

Eu tenho a escola de tua mãe. Um dia ele me disse não sei o quê e eu matei todos os seus pintassilgos com a mão do almofariz. *(Riem.)*

MADALENA

Adela, menina, não percas isto.

AMÉLIA

Adela!

(Pausa.)

MADALENA

Vou lá ver. *(Sai.)*

LA PONCIA

Aquela menina não vai bem.

MARTÍRIO

É claro. Não dorme.

LA PONCIA

Que faz então?

MARTÍRIO

Sei lá o quê?

LA PONCIA

Sabes melhor que eu, pois dormes parede e meia.

ANGÚSTIAS

A inveja a corrói.

AMÉLIA

Não exageres.

ANGÚSTIAS

Noto-lhe nos olhos. Está ficando com um olhar de louca.

MARTÍRIO

Não falem de loucos. Aqui é o único lugar onde não se pode pronunciar esta palavra.
(Entra Madalena com Adela.)

MADALENA

Não estavas dormindo?

ADELA

Tenho o corpo moído.

MARTÍRIO

(Com intenção.) – Será que não dormiste bem esta noite?

ADELA

Sim.

MARTÍRIO

Então?

ADELA

Deixa-me em paz! Dormindo ou não, não tens por que te meteres no que é meu! Faça com o meu corpo o que bem entender!

MARTÍRIO

É só interesse por ti.

ADELA

Interesse ou interrogatório. Não estavas cosendo? Então continuem. Bem que eu queria ser invisível, passar por tudo aqui sem que me perguntassem para onde vou!

CRIADA

(*Entra.*) – A patroa me mandou chamá-las. Está aí o homem das rendas. (*Saem.*)
(*Ao sair, Martírio mira fixamente Adela.*)

ADELA

Não me olhes mais! Se queres te darei meus olhos, que têm viço, e os meus ombros, para que corrijas tua corcova, mas vira a cabeça quando eu passar.

(*Vai-se Martírio.*)

LA PONCIA

É tua irmã e a que mais te quer bem.

ADELA

Segue-me por toda a parte. Às vezes aparece no meu quarto para ver se durmo. Não me deixa respirar. E sempre: “Que pena essa cara! Que pena esse corpo que não vai ser de ninguém!” Isso não. Meu corpo será de quem eu quiser.

LA PONCIA

(*Com intenção e em voz baixa.*) – De Pepe Romano, não é?

ADELA

(*Sobressaltada.*) – Que estás dizendo?

LA PONCIA

O que disse, Adela.

ADELA

Cala-te!

LA PONCIA

(*Alto.*) – Pensas que eu não percebi?

ADELA

Fala mais baixo!

LA PONCIA

Afasta esses pensamentos!

ADELA

Que é que sabes, afinal?

LA PONCIA

Nós, as velhas, vemos através das paredes. Aonde vais de noite, quando te levantas?

ADELA

Antes fosses cega!

LA PONCIA

Tenho a cabeça e as mãos cheias de olhos quando se trata do que se trata. Por mais que pense não atino com o que desejas. Por que te puseste quase nua com a luz acesa e a janela aberta ao passar Pepe no segundo dia em que veio falar com tua irmã?

ADELA

Não é verdade!

LA PONCIA

Não sejas como as criancinhas. Deixa em paz tua irmã, e se Pepe Romano te agrada, controla-te! (*Adela chora.*) – Além disso, quem disse que não podes casar com ele? Tua irmã Angústias é uma doente. Não resiste ao primeiro parto. É estreita de quadris, velha, e, com minha experiência, te digo que morrerá. Então Pepe fará o que fazem todos os viúvos desta terra. Casará com a mais moça, a mais bonita, e essa és tu. Alimenta essa esperança, esquece-o, faz o que quiseres, mas não vás contra a lei de Deus.

ADELA

Cala-te!

LA PONCIA

Não me calo!

ADELA

Mete-te com o que é teu, bisbilhoteira! Fingida!

LA PONCIA

Hei de ser tua sombra.

ADELA

Em vez de limpar a casa, e deitar-te para rezar pelos teus mortos, buscas como uma velha bruxa casos de homens e mulheres para te babujares com eles.

LA PONCIA

Vigio! Para que as pessoas não cusпам ao passar por esta porta.

ADELA

Que ternura tão grande te bateu de repente por minha irmã?

LA PONCIA

Não distingo nenhuma. Quero é viver em casa decente. Não me sujar na velhice!

ADELA

É inútil teu conselho. Já é tarde. Não por cima de ti, que és uma criada; por cima de minha mãe saltaria para apagar este fogo em que me queimo. Que podes falar de mim? Que me fecho no quarto e não abro a porta? Que não durmo? Sou mais esperta que tu! Vê se podes agarrar a lebre com as mãos.

LA PONCIA

Não me desafies, Adela, não me desafies. Porque eu posso soltar gritos, acender as luzes e fazer que os sinos toquem.

ADELA

Pois traze quatro mil juncos amarelos e põe-nos nas cercas do curral. Ninguém evitará o que tem de ser.

LA PONCIA

Gostas tanto desse homem?

ADELA

Tanto! Fitando seus olhos me parece que bebo seu sangue lentamente.

LA PONCIA

Não te posso ouvir mais!

ADELA

Pois me ouvirás! Já te temi. Mas sou mais forte do que tu!

(Entra Angústias.)

ANGÚSTIAS

Sempre discutindo!

LA PONCIA

Lógico. Com todo esse calor que está fazendo, quer que eu lhe vá trazer não sei o quê da loja

ANGÚSTIAS

Compraste o meu perfume?

LA PONCIA

O mais caro. E os pós. Coloquei-os na mesa do teu quarto.

(Sai Angústias.)

ADELA

E boca fechada, ouviste?

LA PONCIA

Veremos!

(Entram Martírio, Amélia e Madalena.)

MADALENA

(À Adela.) – Viste as rendas?

AMÉLIA

As de Angústias, para seus lençóis de noiva, são lindas.

ADELA

(À Martírio, que traz umas rendas.) – E essas?

MARTÍRIO

São para mim. Para uma camisola.

ADELA

(Com sarcasmo.) – Precisa-se de bom humor.

MARTÍRIO

(Com intenção.) – São para eu ver. Não preciso brilhar para ninguém.

LA PONCIA

Ninguém vê uma pessoa em camisola.

MARTÍRIO

(Com intenção e fitando Adela.) – Às vezes sim! Mas me encanta a roupa de baixo. Só a teria de cambraia, se fosse rica. É um dos poucos prazeres que me restam.

LA PONCIA

Estas rendas são lindas para toucas de meninos e mantas de batizado. Nunca pude usá-las nos meus. Vamos ver se Angústias agora usa-as nos seus. Se ela vier a ter filhos, vais ficar cosendo o dia inteiro.

MADALENA

Não pretendo dar um só ponto.

AMÉLIA

E eu cá muito menos criar filhos dos outros. Veja só como não vão as vizinha do beco, sacrificadas por quatro diabretes.

LA PONCIA

Estão melhor do que vocês. Pelo menos lá se ri e se dão bordoadas!

MARTÍRIO

Pois então vai servir a elas.

LA PONCIA

Não. Tocou-me por sorte este convento.

(Ouvem-se campainhas ao longe como através de várias paredes.)

MADALENA

São os homens que voltam do trabalho.

LA PONCIA

Faz um minuto que soaram os três.

MARTÍRIO

Com este sol!

ADELA

(Sentando-se.) – Ai, quem me dera sair também pelos campos!

MADALENA

(Sentando-se.) – Cada classe tem de fazer o que lhe cabe.

MARTÍRIO

(Sentando-se.) – É isso mesmo!

AMÉLIA

(Sentando-se.) – Ai!

LA PONCIA

Não há alegria como a dos campos nesta época. Ontem de manhã chegaram os ceifadores. Quarenta ou cinquenta mocetões.

MADALENA

De onde são este ano?

LA PONCIA

De muito longe. Vieram dos montes. Alegres! Queimados como árvores! Gritando e jogando pedras! De noite chegou ao povoado uma mulher vestida de lantejoulas. Dançava com um acordeão. Quinze deles a levaram para o olival. Eu os vi de longe. O que ajustava tudo com ela era um rapaz de olhos verdes, tão rijo como um feixe de trigo.

AMÉLIA

É verdade?

ADELA

Mas é possível?

LA PONCIA

Anos atrás veio uma dessas e eu mesma dei dinheiro a meu filho mais velho. Os homens precisam dessas coisas.

ADELA

Nascer mulher é o maior castigo.

MADALENA

Nem nossos olhos nos pertencem.

(Ouve-se um canto distante, que se vai aproximando.)

LA PONCIA

São eles. Cantam tão lindo!

AMÉLIA

Agora vão ceifar.

CORO

Já saem os ceifadores
a procurar as espigas;
e levam os corações
das moças todas que miram.

(Ouvem-se pandeiros e “carrañacas”. Pausa. Todas ouvem num silêncio trespassado de sol.)

AMÉLIA

Nem se importam com o calor.

MARTÍRIO

Ceifam entre labaredas.

ADELA

Bem que eu gostaria de ceifar para poder ir e vir. Assim se esquece o que nos morde por dentro.

MARTÍRIO

Que é que tens a esquecer?

ADELA

Cada qual sabe de sua vida.

MARTÍRIO

(Profunda.) – Cada qual!

LA PONCIA

Calem-se! Calem-se!

CORO

(Muito distante.)

Abri as portas e janelas,
vós todas que aqui viveis.
O ceifador pede rosas
Para enfeitar seu chapéu.

LA PONCIA

Que beleza!

MARTÍRIO

(Com nostalgia.)

Abri portas e janelas,
vós todas que aqui viveis. . .

ADELA

(Com paixão.)

. . . o ceifador pede rosas
para enfeitar seu chapéu.

(Vai-se distanciando a canção.)

LA PONCIA

Agora estão dobrando a esquina.

ADELA

Vamos vê-los lá da janela do meu quarto.

LA PONCIA

Cuidado. Não vão abri-la muito. São capazes de dar um empurrão para ver quem está olhando.

(Vão-se as três. Martírio fica sentada na cadeira baixa com a cabeça entre as mãos.)

AMÉLIA

(Aproximando-se.) – Que há contigo?

MARTÍRIO

Sinto-me mal com este calor.

AMÉLIA

Não é mais que isso?

MARTÍRIO

Desejo que chegue novembro, os dias de chuva, a neve, tudo que não seja este verão interminável.

AMÉLIA

Passará logo e voltará outra vez.

MARTÍRIO

Claro! *(Pausa.)* – A que hora dormiste esta noite?

AMÉLIA

Não sei. Durmo que nem uma pedra. Por que queres saber?

MARTÍRIO

Por nada. Mas me pareceu ouvir gente no curral.

AMÉLIA

É mesmo?

MARTÍRIO

Muito tarde.

AMÉLIA

E não tiveste medo?

MARTÍRIO

Não. Já ouvi em outras noites.

AMÉLIA

Devíamos ter cuidado. Não seriam os peões?

MARTÍRIO

Esses chegam às seis.

AMÉLIA

Talvez uma mulinha ainda por amansar.

MARTÍRIO

(Entre dentes e cheia de segundas intenções.) – Isso! Isso! Uma mulinha por amansar!

AMÉLIA

Temos de prevenir!

MARTÍRIO

Não. Não. Não digas nada. Pode ser só uma suspeita minha.

AMÉLIA

Talvez. *(Pausa. Amélia vai saindo.)*

MARTÍRIO

Amélia.

AMÉLIA

(Na porta.) – Que é?

(Pausa.)

MARTÍRIO

Nada.

(Pausa.)

AMÉLIA

Por que me chamaste?

(Pausa.)

MARTÍRIO

Escapou-me. Foi sem querer.

AMÉLIA

Deita-te um pouco.

ANGÚSTIAS

(Entrando furiosa em cena, de modo que haja um grande contraste com os silêncios anteriores.) – Onde está o retrato de Pepe que eu tinha debaixo do meu travesseiro? Qual de vocês o tirou?

MARTÍRIO

Nenhuma.

AMÉLIA

Nem que Pepe fosse um São Bartolomeu de prata.

ANGÚSTIAS

Onde está o retrato?

(Entram La Poncia, Madalena e Adela.)

ADELA

Que retrato?

ANGÚSTIAS

Uma de vocês o escondeu.

MADALENA

Tens o descaramento de dizer isso?

ANGÚSTIAS

Estava no meu quarto e já não está.

MARTÍRIO

Não terá escapado à meia-noite para o curral? Pepe gosta de andar quando há lua.

ANGÚSTIAS

Não venha com gracejos! Quando ele vier, eu lhe contarei.

LA PONCIA

Isso não, porque o retrato aparecerá! *(Mirando Adela.)*

ANGÚSTIAS

Gostaria de saber qual de vocês o tem!

ADELA

(Mirando a Martírio.) – Alguma! Todas, menos eu.

MARTÍRIO

(*Com intenção.*) – Naturalmente!

BERNARDA

(*Entrando.*) – Que escândalo é este na minha casa, na hora mais silenciosa e em que mais pesa o calor? As vizinhas estarão com o ouvido pregado nos tabiques.

ANGÚSTIAS

Roubaram o retrato do meu noivo.

BERNARDA

(*Feroz.*) – Quem foi? Quem?

ANGÚSTIAS

Estas!

BERNARDA

Qual de vocês? (*Silêncio.*) – Respondam! (*Silêncio.*) (*A La Poncia*) – Revista os quartos, procura nas camas. Nisso dá não trazê-las atadas mais curto. Mas agora hão de ver! (*À Angústias.*) – Tens certeza?

ANGÚSTIAS

Sim.

BERNARDA

Procuraste-o bem?

ANGÚSTIAS

Sim, mãe.

(*Todas estão de pé em meio de embaraçoso silêncio.*)

BERNARDA

Fazem que eu beba no final de minha vida o veneno mais amargo que uma mãe pode suportar. (*À La Poncia.*) – Não o achaste?

LA PONCIA

(*Entrando.*) – Aqui está.

BERNARDA

Onde o descobriste?

LA PONCIA

Estava. . .

BERBARDA

Fala sem receio.

LA PONCIA

(*Estranhando.*) – Entre os lençóis da cama de Martírio,

BERNARDA

(*À Martírio.*) – É verdade?

MARTÍRIO

É.

BERNARDA

(*Avançando-lhe e batendo-lhe.*) – Bons bofetes merecias, mosca morta! Semeadura de vidros!

MARTÍRIO

(*Feroz.*) – Não me toque, mãe!

BERNARDA

Tanto quanto eu quiser!

MARTÍRIO

Se eu deixar! Ouviu? Afaste-se!

LA PONCIA

Respeita tua mãe.

ANGÚSTIAS

(*Segurando Bernarda.*) – Deixe-a, por favor!

BERNARDA

Nem lágrimas te vêm aos olhos.

MARTÍRIO

Não vou chorar para dar-lhe esse gosto.

BERNARDA

Por que apanhaste o retrato?

MARTÍRIO

Será que não posso fazer uma brincadeira com minha irmã? Para que o ia querer?

ADELA

(*Saltando cheia de ciúmes.*) – Não foi brincadeira, porque não gostaste nunca de brincar. Foi outra coisa que te oprimia o peito querendo sair. Dize francamente.

MARTÍRIO

Cala-te e não me faças falar. Se falo, vão-se unir as paredes umas com as outras de vergonha.

ADELA

A má-língua não tem limites para inventar!

BERNARDA

Adela!

MADALENA

Estão loucas.

AMÉLIA

E nos apedrejam com maus pensamentos.

MARTÍRIO

Há outras que fazem coisas piores.

ADELA

Até que se dispam de uma vez e as leve o rio.

BERNARDA

Perversa!

ANGÚSTIAS

Não tenho culpa de que Pepe Romano me tenha preferido.

ADELA

Pelo teu dinheiro!

ANGÚSTIAS

Mãe!

BERNARDA

Silêncio!

MARTÍRIO

Por tuas terras e tuas árvores.

MADALENA

Justamente por isso!

BERNARDA

Silêncio, já disse! Eu via tormenta chegar, mas não acreditava que estivesse tão perto. Ai, que saraiva de ódio deitaram sobre meu coração! Mas não sou uma anciã e tenho cinco grilhetas para vocês e esta casa erguida por meu pai para que nem as ervas possam saber da minha amargura. Fora daqui! (*Saem. Bernarda se sente desolada. La Poncia está de pé encostada na parede. Bernarda reage, dá uma pancada no chão e diz:*) – Terei de submetê-las. Bernarda, lembra-te que esta é tua obrigação.

LA PONCIA

Posso falar?

BERBARDA

Fala. Sinto que tenhas ouvido. Nunca está bem uma estranha no meio da família.

LA PONCIA

O visto, visto está.

BERNARDA

Angústias tem de se casar logo.

LA PONCIA

Sem dúvida. É preciso tirá-la daqui.

BERNARDA

Não a ela. A ele!

LA PONCIA

Isto! Ele é que é preciso afastar daqui. Pensas bem.

BERNARDA

Não penso. Há coisas em que não se pode nem se deve pensar. Eu ordeno!

LA PONCIA

E acreditas que ele quererá ir-se daqui?

BERNARDA

(Erguendo-se.) – Que imagina essa tua cabeça?

LA PONCIA

É claro que se casará mesmo com Angústias.

BERNARDA

Fala. Conheço-te demais para saber que já tens a faca preparada.

LA PONCIA

Nunca pensei que se chamasse crime a um aviso.

BERNARDA

Tens algo a prevenir?

LA PONCIA

Eu não acuso, Bernarda. Eu apenas digo. Abre os olhos e verás.

BERNARDA

E verás o quê?

LA PONCIA

Sempre foste esperta. Vias o mal a cem léguas. Muitas vezes acreditei que adivinhavas os pensamentos. Mas os filhos são os filhos. Agora estás cega.

BERNARDA

Fala de Martírio?

LA PONCIA

Bem, a Martírio. . . *(Com curiosidade.)* – Por que é que terá ela escondido o retrato?

BERNARDA

(Querendo resguardar a filha.) – Afinal, ela disse que foi uma brincadeira. Que mais poderia ser?

LA PONCIA

(Velhaca.) – Crês que foi assim?

BERNARDA

(Enérgica.) – Não creio. Foi assim!

LA PONCIA

Chega. Trata-se do que é teu. Mas se fosse com a vizinha da frente, que aconteceria?

BERNARDA

Já começa a mostrar a ponta da faca.

LA PONCIA

(Sempre com crueldade.) – Bernarda: aqui se passa qualquer coisa muito extraordinária. Não quero te culpar, mas nunca deixaste que tuas filhas tivessem liberdade. Martírio é namoradeira, digas o que disseres. Por que não a deixaste casar com Henrique Humanas? Por que no mesmo dia em que ele ia falar-lhe na janela mandaste recado para que não viesse?

BERNARDA

Tornaria a fazê-lo mil vezes! Meu sangue não se junta ao dos Humanas enquanto eu estiver viva. O pai dele foi trabalhador de enxada.

LA PONCIA

Sempre o mesmo orgulho!

BERNARDA

Tenho porque posso. Tu não tens porque sabes muito bem qual é a tua origem.

LA PONCIA

(Com ódio.) – Não me lembres isso. Já estou velha. Sempre agradei tua proteção.

BERNARDA

(Com altivez.) – Pois não parece!

LA PONCIA

(Com ódio envolto em suavidade.) - Martírio logo esquecerá o que houve.

BERNARDA

Se não esquecer, pior para ela. Não creio que esta seja a “coisa muito extraordinária” que aqui se passa. Aqui não se passa nada. Isso querias tu! E se ocorrer algum dia, podes ficar certa de que não irá além destas paredes.

LA PONCIA

É o que não sei. No povoado há também muita gente que lê, de longe, os pensamentos ocultos.

BERNARDA

Como te agradaria ver-nos a mim e a minhas filhas a caminho do bordel!

LA PONCIA

Ninguém pode saber do seu fim!

BERNARDA

E u sim, sei qual é o meu! E o de minhas filhas! O bordel fica para alguma mulher já defunta.

LA PONCIA

Bernarda, respeita a memória de minha mãe!

BERNARDA

Então não me persigas tu com teus maus pensamentos!

(Pausa.)

LA PONCIA

Melhor será não me meter em nada.

BERNARDA

É o que devias fazer. Trabalhar e calar. É a obrigação dos que vivem de salário.

LA PONCIA

Mas não é possível. Não te parece que Pepe estaria melhor casado com Martírio ou. . . sim!, com Adela?

BERNARDA

Não me parece.

LA PONCIA

Adela. Essa é a verdadeira noiva de Romano.

BERNARDA

As coisas nunca saem como queremos.

LA PONCIA

Mas é muito difícil para elas não seguir a verdadeira inclinação. Parece-me mal que Pepe esteja com Angústias. E a todas as pessoas. Até ao ar! Quem sabe se não sairão com alguma?

BERNARDA

Cá estamos outra vez!. . . Insinuas para encher-me de pesadelos. Não quero entender-te, porque se chegasse a alcançar tudo o que dizes teria de te arranhar.

LA PONCIA

O sangue não chegaria ao rio!

BERNARDA

Felizmente minhas filhas me respeitam e nunca torceram minha vontade.

LA PONCIA

Sim. Mas se as deixares às soltas comerão sobre a tua cabeça.

BERNARDA

Deixa-as comigo!

LA PONCIA

Serás sempre a mais valente.

BERNARDA

Sempre usei a melhor pimenta.

LA PONCIA

Mas o que são as coisas! É preciso ver o entusiasmo de Angústias com o noivo. Na sua idade! Ele também parece muito animado. Ontem meu filho mais velho me contou que às quatro e meia da madrugada, quando passou pela rua com os bois, eles estavam falando ainda.

BERNARDA

Às quatro e meia?

ANGÚSTIAS

(Entrando.) – Mentira!

LA PONCIA

Foi o que me contaram.

BERNARDA

(À Angústias.) – Fala!

ANGÚSTIAS

Faz mais de uma semana que Pepe se vai à uma. Que Deus me mate se eu minto.

MARTÍRIO

(Entrando.) – Eu também o senti partindo às quatro .

BERNARDA

Viste com teus olhos?

MARTÍRIO

Não quis fazê-lo. Vocês não se falam agora pela janela do beco?

ANGÚSTIAS

Falo pela janela do meu quarto.

(Aparece Adela na porta.)

MARTÍRIO

Então. . .

BERNARDA

Que está havendo aqui?

LA PONCIA

Procura saber! Mas, desde já, digo que Pepe esteve às quatro da madrugada numa das grades da tua casa.

BERNARDA

Tens certeza?

LA PONCIA

Certeza não se tem de nada nesta vida.

ADELA

Mãe, não ouça quem nos quer perder a todas.

BERNARDA

Buscarei saber de tudo! E se no povoado quiserem levantar falsos testemunhos, terão de enfrentar minha dureza. Não se toca mais nesse assunto. Às vezes parece haver uma onda de lama que fazem subir para desmoralizar-nos.

MARTÍRIO

Não gosto de mentir.

LA PONCIA

Alguma coisa há.

BERNARDA

Não há nada. Nasci para ter olhos abertos. Agora vigiarei sem fechá-los até que venha a morte.

ANGÚSTIAS

Tenho direito de saber de tudo.

BERNARDA

Não tens outro direito que o de obedecer. Não dou ouvidos a ninguém. (*À La Poncia.*) – E tu, mete-te lá com os assuntos da tua casa! Aqui não se voltará a dar mais um passo sem que eu perceba.

CRIADA

(*Entrando.*) – No alto da rua há muita gente junta e todos os vizinhos estão nas portas.

BERNARDA

(*À La Poncia.*) – Vai depressa saber o que há. (*As Mulheres correm para sair.*) – Aonde vão? Sempre soube que eram janeliras e rompedoras do luto. Todas para o pátio!

(*Saem e sai Bernarda. Ouvem-se rumores distantes. Entram Martírio e Adela, que ficam escutando sem se atreverem a dar um passo além da porta de saída.*)

MARTÍRIO

Agradece ao acaso eu não ter desatado a língua.

ADELA

Eu também teria falado.

MARTÍRIO

E que querias dizer? Querer não é fazer!

ADELA

Faz quem pode e se antecipa. Tu querias, mas não pudeste.

MARTÍRIO

Não o seguirás muito tempo.

ADELA

Hei de tê-lo todo!

MARTÍRIO

Eu acabarei com teus abraços.

ADELA

(*Suplicante.*) – Martírio, deixa-me!

MARTÍRIO

Não será de nenhuma!

ADELA

Ele me quer em sua casa!

MARTÍRIO

Vi bem como te abraçava!

ADELA

Mas eu não queria. Foi assim como se me arrastassem por uma corda.

MARTÍRIO

Antes houvesse morrido!

(*Madalena e Angústias espiam. Sente-se crescer o tumulto.*)

LA PONCIA

(Entrando com Bernarda.) – Bernarda!

BERNARDA

Que está havendo?

LA PONCIA

A filha solteira da Librada teve um filho não se sabe de quem.

ADELA

Um filho?

LA PONCIA

E para ocultar sua vergonha o matou e colocou debaixo de umas pedras. Mas uns cães, com mais coração que muitas criaturas, o tiraram, e, como levados pela mão de Deus, o puseram junto à sua porta. Agora querem matá-la. Arrastam-na pela rua abaixo e os homens vêm correndo pelos caminhos do olival, dando gritos que até fazem estremecer os campos.

BERNARDA

Sim, que venham todos com varas de oliveira e cabos de enxadas, que venham todos para matá-la!

ADELA

Não, não. Para matá-la não.

MARTÍRIO

Sim, e vamos também sair nós todas

BERNARDA

E que pague a que se tornou indigna.

(Fora se ouve um grito de mulher e um grande rumor.)

ADELA

Deixem-na escapar! Não saiam daqui!

MARTÍRIO

(Fitando a Adela.) – Que pague o que deve!

BERNARDA

(Sob o arco.) – Acabem com ela antes que cheguem os guardas! Deitem carvão ardente no sítio do seu pecado!

ADELA

(Com as mãos no ventre.) – Não! Não!

BERNARDA

Matem-na! Matem-na!

P a n o

TERCEIRO ATO

Quatro paredes brancas ligeiramente azuladas do pátio interior da casa de Bernarda. É noite. A decoração deve ser de completa simplicidade. As portas iluminadas pela luz dos interiores dão um tênue fulgor à cena. No centro, uma mesa com um candeeiro, na qual estão comendo Bernarda e suas Filhas. La Poncia serve-as. Prudência está sentada à parte. Ao levantar-se o pano há um grande silêncio, interrompido pelo ruído de pratos e talheres.

PRUDÊNCIA

Já me vou. Fiz-lhe uma visita comprida. (*Ergue-se.*)

BERNARDA

Espera, mulher. Não nos vemos nunca.

PRUDÊNCIA

Já deram o último toque para o rosário?

LA PONCIA

Ainda não. (*Prudência se senta.*)

BERNARDA

E teu marido? Como vai?

PRUDÊNCIA

Como sempre.

BERNARDA

Também nunca o vemos.

PRUDÊNCIA

Conheces os seus hábitos. Desde que brigou com os irmãos por causa da herança não saiu mais pela porta da rua. Põe uma escada e salta as cercas e o curral.

BERNARDA

É um verdadeiro homem. E com tua filha?

PRUDÊNCIA

Não a perdoou.

BERNARDA

Faz bem.

PRUDÊNCIA

Não sei o que te diga. Sofro muito com tudo isso.

BERNARDA

Uma filha que desobedece deixa de ser filha para se transformar numa inimiga.

PRUDÊNCIA

Eu deixo correr o barco. Não me resta outro consolo que me refugiar na igreja. Mas como estou ficando com a vista fraca, terei de deixar de vir para que as crianças não se divirtam comigo. (*Ouve-se uma grande pancada nas paredes.*) – Que foi isso?

BERNARDA

O cavalo ganhão. Está preso e dá coices na parede. (*Gritando.*) – Domem-no, e que saia para o curral! (*Em voz baixa.*) – Deve estar com calor.

PRUDÊNCIA

Vais deitar-lhe as éguas novas?

BERNARDA

Ao amanhecer.

PRUDÊNCIA

Tens sabido aumentar o gado.

BERNARDA

À custa de dinheiro e dissabores.

LA PONCIA

(Interrompendo.) – Mas tem a melhor manada destes arredores. É uma pena que esteja tão baixo o preço.

BERNARDA

Queres um pouco de queijo e mel?

PRUDÊNCIA

Ando sem fome.

(Ouve-se outra vez a pancada.)

LA PONCIA

Por Deus!

PRUDÊNCIA

Retumbou-me dentro do peito.

BERNARDA

(Levantando-se furiosa.) – É preciso dizer as coisas duas vezes? Deixem-no que se espoje nos montes de palha! *(Pausa, e como que falando com os peões.)* – Fechem as éguas na estrebaria mas soltem-no, senão ele deita as paredes abaixo. *(Dirige-se à mesa e se senta outra vez.)* – Ai! Que vida!

PRUDÊNCIA

Mourejando como um homem.

BERNARDA

É como vês. *(Adela se levanta.)* – Aonde vais?

ADELA

Beber água.

BERNARDA

(Em voz alta.) – Traze um jarro de água fresca. *(À Adela.)* – Pode sentar. *(Adela se senta.)*

PRUDÊNCIA

E Angústias, quando se casa?

BERNARDA

Vêm pedi-la dentro de três dias.

PRUDÊNCIA

Estás contente?

BERNARDA

Claro que estou!

AMÉLIA

(À Madalena.) – Derramaste o sal.

MADALENA

Pior sorte que a que tens não terás.

AMÉLIA

Sempre traz azar.

BERNARDA

Chega!

PRUDÊNCIA

(À Angústias.) – Já te presenteou com o anel?

ANGÚSTIAS

Veja-o. *(Estende a mão.)*

PRUDÊNCIA

É lindo. Três pérolas. No meu tempo as pérolas significavam lágrimas.

ANGÚSTIAS

Mas tudo mudou.

ADELA

Eu creio que não. As coisas significavam sempre o mesmo. Os anéis de noivado devem ser de diamantes.

PRUDÊNCIA

É mais próprio.

BERNARDA

Com pérolas ou sem elas, as coisas são como uma pessoa decide que sejam.

MARTÍRIO

Ou como Deus dispõe.

PRUDÊNCIA

Disseram-me que os móveis são muito bonitos.

BERNARDA

Deviam ter dito o dinheirão que me custaram.

LA PONCIA

(Intervindo.) – O melhor é o armário de espelhos.

PRUDÊNCIA

Nunca vi um móvel desses.

BERNARDA

No nosso tempo tínhamos arcas.

PRUDÊNCIA

O que importa é que tudo seja para a felicidade deles.

ADELA

É o que nunca se sabe.

BERNARDA

Não há motivo para que não seja.

(Ouvem-se sinos muito ao longe.)

PRUDÊNCIA

É o último toque. *(À Angústias.)* – Voltarei para que me mostres o enxoval.

ANGÚSTIAS

Quando a senhora quiser.

PRUDÊNCIA

Boa noite nos dê Deus.

BERNARDA

Adeus, Prudência.

AS CINCO

(Ao mesmo tempo.) – Vá com Deus.

(Pausa. Sai Prudência.)

BERNARDA

Já terminamos. *(Erguem-se.)*

ADELA

Vou até o portão para estirar as pernas e tomar um pouco de ar.

(Madalena se senta numa cadeira baixa e encostada à parede.)

AMÉLIA

Eu vou contigo.

MARTÍRIO

Eu também.

ADELA

(Com ódio contido.) – Não vou me perder.

AMÉLIA

A noite pede companhia. *(Saem.)*

(Bernarda se senta e Angústias fica arrumando a mesa.)

BERNARDA

Já te disse que quero que fales com tua irmã Martírio. O caso do retrato foi uma brincadeira e deves esquecer.

ANGÚSTIAS

A senhora sabe que ela não me suporta.

BERNARDA

Cada qual sabe o que lhe vai por dentro. Eu não me meto nos corações, mas quero cara boa e harmonia na família. Compreendes?

ANGÚSTIAS

Sim.

BERNARDA

Ainda bem.

MADALENA

(Quase adormecida.) – Além disso, não tarda a ires embora. *(Adormece.)*

ANGÚSTIAS

Parece-me que tarda.

BERNARDA

A que hora terminaste esta noite de falar?

ANGÚSTIAS

À meia-noite e meia.

BERNARDA

Que te conta Pepe?

ANGÚSTIAS

Acho-o distraído. Fala-me sempre como que pensando noutra coisa. Se pergunto o que tem, responde: “Os homens temos as nossas preocupações.”

BERNARDA

Não lhes deve dirigir perguntas. E quando te casares, muito menos. Fala se ele falar e olha-o quando te olhar. Assim não terás desgosto.

ANGÚSTIAS

Creio, mãe, que ele me oculta muitas coisas.

BERNARDA

Não procures descobri-las, não lhe indagues nada e, desde já, que não te veja chorar nunca.

ANGÚSTIAS

Devia estar contente e não estou.

BERNARDA

É assim mesmo.

ANGÚSTIAS

Muitas vezes olho Pepe fixamente e é como se ele desaparecesse entre as grades, como se o tapasse uma nuvem de pó dessas que os rebanhos levantam.

BERNARDA

Isso é porque estás fraca.

ANGÚSTIAS

Oxalá seja!

BERNARDA

Ele vem esta noite?

ANGÚSTIAS

Não. Foi com sua mãe à capital.

BERNARDA

Assim nos deitaremos mais cedo. Madalena!

ANGÚSTIAS

Está dormindo.

(Entram Adela, Martírio e Amélia.)

AMÉLIA

Que noite mais escura!

ADELA

Não se vê a dois passos de distância.

MARTÍRIO

Noite boa para ladrões, para quem precisa de esconderijo.

ADELA

O cavalo garanhão estava no meio do curral. Branco, enchendo toda a escuridão. Parecia ter o dobro do tamanho.

AMÉLIA

É verdade. Dava até medo, como se fosse uma aparição.

ADELA

O céu está cheio de estrelas imensas como punhos.

MARTÍRIO

Essa aí se pôs a olhá-las tanto que quase ia torcendo o pescoço.

ADELA

Não gostas delas?

MARTÍRIO

A mim o que está do telhado para cima não me importa. Já tenho bastante com o que vai por dentro das casas.

ADELA

Tu é que sabes.

BERNARDA

Cada qual com seu gosto.

ANGÚSTIAS

Boas noites.

ADELA

Já vais deitar?

ANGÚSTIAS

Sim. Esta noite Pepe não vem. (*Sai.*)

ADELA

Mãe, por que é que quando cai uma estrela no céu ou brilha um relâmpago, se costuma dizer:

Santa Bárbara bendita,
que com água benta se acredita,
e papel, no céu escrita/

BERNARDA

Os antigos sabiam muitas coisas que já esquecemos.

AMÉLIA

Pois eu fecho os olhos para não vê-las.

ADELA

Eu, não. Gosto de ver correr cheio de chama o que está quieto e quieto anos e anos.

MARTÍRIO

Mas essas coisas nada têm a ver conosco.

BERNARDA

É melhor não pensar nelas.

ADELA

Que noite linda! Gostaria de ficar até muito tarde a gozar o ar do campo.

BERNARDA

Devemos é ir-nos deitar. Madalena!

AMÉLIA

Está no primeiro sono.

BERNARDA

Madalena!

MADALENA

(Aborrecida.) – Deixem-me em paz!

BERNARDA

Para a cama!

MADALENA

(Levantando-se mal-humorada.) – Nem deixam a gente ter sossego! *(Sai resmungando.)*

AMÉLIAS

Boas noites. *(Sai.)*

BERNARDA

Movam-se também.

MARTÍRIO

Por que é que esta noite não vem o noivo de Angústias?

BERNARDA

Viajou.

MARTÍRIO

(Fitando Adela.) – Ah!

ADELA

Até amanhã. *(Sai.)*

(Martírio bebe água e sai lentamente, mirando a porta do curral.)

LA PONCIA

(Entrando.) – Estás aqui ainda?

BERNARDA

Gozando deste silêncio, e sem conseguir ver em parte alguma “a coisa muito extraordinária” que se passa aqui, segundo dizes.

LA PONCIA

Bernarda, deixemos dessa conversa.

BERNARDA

Nesta casa não há nada demais. Não é à toa que eu vigio!

LA PONCIA

Na aparência nada, é verdade. Tuas filhas vivem como que trancadas em armários. Mas nem tu nem ninguém pode vigiar o que vai dentro dos corações.

BERNARDA

Minhas filhas têm a consciência tranqüila.

LA PONCIA

Isso interessa a ti, que és a mãe. A mim já me basta o serviço da casa.

BERNARDA

Ultimamente deste para ficar calada

LA PONCIA

Fico no meu lugar, e em paz.

BERNARDA

É que nada tens a dizer. Se nesta casa houvesse ervas, te encarregarias de trazer, para pastar, todas as ovelhas da vizinhança.

LA PONCIA

Escondo mais do que pensas.

BERNARDA

Teu filho continua a ver Pepe às quatro da manhã? Continuam na mesma ladainha sobre esta casa?

LA PONCIA

Não dizem nada.

BERNARDA

Porque não podem. Porque não há carne onde morder. Tudo porque meus olhos sabem vigiar!

LA PONCIA

Bernarda, não quero falar porque temo tuas intenções. Mas não tenhas tanta certeza.

BERNARDA

Estou mais do que certa!

LA PONCIA

Quando a gente menos imagina, cai um raio. E um golpe te faz parar o coração.

BERNARDA

Aqui não se passa nada. Estou alerta contra tuas suspeitas.

LA PONCIA

Então, melhor para ti.

BERNARDA

Não faltava mais nada!

CRIADA

(Entrando.) – Já acabei de lavar os pratos. Há mais alguma ordem?

BERNARDA

(Erguendo-se.) – Não. Vou repousar.

LA PONCIA

A que horas queres que te chame?

BERNARDA

A nenhuma. Esta noite vou dormir bastante. *(Sai.)*

LA PONCIA

Quando uma pessoa não pode com o mar o mais fácil é voltar as costas para não vê-lo.

CRIADA

É tão orgulhosa que ela mesma põe uma venda nos olhos.

LA PONCIA

Não posso fazer mais nada. Bem que quis atalhar as coisas, mas já me assustam muito. Sentes este silêncio? Pois há uma tempestade em cada quarto. O dia em que estalarem varrerão tudo. Já disse o que tinha de dizer.

CRIADA

Bernarda crê que ninguém pode com ela. Não sabe a força que tem um homem entre mulheres que vivem sós.

LA PONCIA

Não é tudo culpa de Pepe Romano. Verdade que no ano passado andou atrás de Adela, que estava louca por ele. Mas quem devia estar no seu lugar era ela, e não provocá-lo. Um homem é um homem.

CRIADA

Há quem acredite que eles se falaram muitas vezes.

LA PONCIA

É certo. *(Em voz baixa.)* – E ainda outras coisas mais.

CRIADA

Nem sei o que não vai acontecer aqui.

LA PONCIA

Meu desejo era cruzar o mar e deixar esta casa de guerra.

CRIADA

Bernarda está apressando o casamento e é possível que não haja nada.

LA PONCIA

As coisas se adiantaram demais. Adela está decidida a tudo e as irmãs vigiam sem descanso.

CRIADA

Martírio também?

LA PONCIA

Essa é a pior. Um poço de veneno. Vê que Pepe não é para ela e acabaria com o mundo se pudesse.

CRIADA

São todas muito más!

LA PONCIA

São mulheres sem homem, nada mais. Nestas questões se esquece até o sangue. Psiu!
(*Escuta.*)

CRIADA

Que há?

LA PONCIA

(*Levantando-se.*) – Os cães estão ladrando.

CRIADA

Deve ter passado alguém perto do portão.

(*Entra Adela, em anágua branca e corpeteos.*)

LA PONCIA

Não tinhas ido deitar?

ADELA

Vim beber água. (*Bebe num copo que está na mesa.*)

LA PONCIA

Já te supunha dormindo.

ADELA

A sede me acordou. E vocês, não descansam?

CRIADA

Estávamos indo.

(*Sai Adela.*)

LA PONCIA

Vamos.

CRIADA

Merecemos bem o sono. Bernarda não me deixa sossegada o dia inteiro.

LA PONCIA

Leva a luz.

CRIADA

Os cães estão como loucos.

LA PONCIA

Não nos vão deixar dormir. (*Saem.*)

(*A cena fica quase às escuras. Entra Maria Josefa com uma ovelha nos braços.*)

MARIA JOSEFA

Ovelhinha, filha minha,
vamos até à beira do mar.
A formiguinha estará em sua porta,
e eu te darei a teta e o pão.
Bernarda,
cara de leoparda.
Madalena,
cara de hiena.
Ovelhinha!
Méeé, mééé.
Vamos aos ramos do portal de Belém.
Tu não queres dormir, nem eu.
A porta sozinha se abrirá

e na praia nos meteremos
numa choupana de coral.
Bernarda,
cara de Leoparda!
Madalena,
cara de hiena.
Ovelhinha!
Mééé, mééé.
Vamos aos ramos do portal de Belém.

(Vai-se cantando.)

(Entra Adela. Olha de um lado para outro, cautelosamente, e desaparece pela porta do curral. Entra Martírio por outra porta e fica espreitando com ansiedade no meio da cena. Também está em anágua. Cobre-se com um pequeno xale negro. Entra e cruza diante dela Maria Josefa.)

MARTÍRIO

Aonde a senhora vai, vovó?

MARIA JOSEFA

Vais abrir-me a porta? Quem és tu?

MARTÍRIO

Como chegou até aqui?

MARIA JOSEFA

Escapei-me. Quem és tu?

MARTÍRIO

Vá deitar-se.

MARIA JOSEFA

Tu és Martírio, já vejo. Martírio, cara de Martírio. E quando é que vais ter um filho? Eu tive este.

MARTÍRIO

Onde apanhou essa ovelha?

MARIA JOSEFA

Sei que é uma ovelha. Mas por que uma ovelha não pode ser um menino? Melhor ter uma ovelha do que nada. Bernarda, cara de leoparda. Madalena, cara de hiena.

MARTÍRIO

Não grite, vovó!

MARIA JOSEFA

É verdade. Está tudo muito escuro. Como tenho o cabelo branco pensas que não posso ter filhos, sim, filhos e mais filhos. Este menino ficará também com o cabelo branco e terá outro filho e este outro, e todos com o cabelo de neve. Seremos como as ondas, umas após outras. Depois nos sentaremos todos e teremos o cabelo branco e seremos espuma. Por que aqui não há espumas? Aqui só há mantos de luto.

MARTÍRIO

Cale-se, vovó, cale-se!

MARIA JOSEFA

Quando minha vizinha tinha um filho eu lhe levava chocolate e depois ela a mim e assim sempre, sempre, sempre. Tu terás o cabelo branco, mas não virão as vizinhas. Eu tenho que me ir, mas tenho medo que os cães me mordam. Não me acompanharás saindo para o campo? Eu quero campo. Quero casas, mas casas abertas e vizinhas deitadas em suas camas com filhos pequeninos e os homens fora sentados em suas cadeiras. Pepe Romano é um gigante. Vocês todas o querem. Mas ele as vai devorar porque são grãos de trigo. Grãos de trigo não. Rãs sem língua!

MARTÍRIO

Vamos. Para a cama! (*Empurra-a*)

MARIA JOSEFA

Sim, mas depois me abrirás a porta, não é?

MARTÍRIO

Abro sim.

MARIA JOSEFA

(*Chorando.*)

Ovelhinha, filha minha,
vamos até a beira do mar.

A formiguinha estará em sua porta,
e eu te darei a teta e o pão.

(*Martírio fecha a porta por onde saiu Maria Josefa e se dirige para a porta do curral. Ali hesita, mas avança dois passos.*)

MARTÍRIO

(*Em voz baixa.*) – Adela. (*Pausa. Avança até a mesma porta. Em voz alta.*) – Adela!
(*Aparece Adela. Vem um pouco despenteada.*)

ADELA

Por que me procuras?

MARTÍRIO

Deixa esse homem!

ADELA

Quem és tu para me dizer isto?

MARTÍRIO

Esse não é o lugar de uma mulher honrada.

ADELA

Com que vontade ficaste de fazer o mesmo!

MARTÍRIO

(*Em voz alta.*) – Chegou o momento de eu falar. Isto não pode continuar assim.

ADELA

Não é mais que o começo. Tive força para chegar antes. A coragem que não tens. Vi a morte debaixo destes telhados e saí para buscar o que era meu, o que me pertencia!

MARTÍRIO

Esse homem sem alma veio por outra. E tu te puseste no seu caminho!

ADELA

Veio pelo dinheiro. Mas nunca deixou de me olhar.

MARTÍRIO

Não permitirei que o arrebates. Tem de se casar com Angústias.

ADELA

Sabes melhor que eu que ele não a quer.

MARTÍRIO

Sim. Eu sei.

ADELA

Sabes, por que viste, que ele quer é a mim.

MARTÍRIO

(*Despeitada.*) – Sei.

ADELA

(*Aproximando-se.*) – Ele quer é a mim! Ele quer é a mim!

MARTÍRIO

Crava-me uma faca, se isso te satisfaz, mas não me fales mais nada.

ADELA

Por isso fazes tudo para que eu não me vá com ele. Não te importa que abrace aquela a quem não ama. A mim também não me importa. Pode ficar cem anos com Angústias, mas que me abrace te parece terrível, porque também o amas! Também o amas!

MARTÍRIO

(Dramática.) – Sim! Deixa-me dizê-lo sem disfarces. Sim! Deixa que o meu peito se rompa como uma romã de amargura. Eu o amo!

ADELA

(Num ímpeto de ternura e abraçando-a) – Martírio, Martírio, eu não tenho culpa.

MARTÍRIO

Não me abrases! Não penses em me abrandar. Meu sangue já não é o teu. Mesmo que te quisesses ver como irmã, não podia: não vejo mais que a mulher. *(Rechaça-a)*

ADELA

Aqui já não se pode remediar nada. A que tiver de se afogar que se afogue. Pepe Romano é meu. Ele me leva aos juncos.

MARTÍRIO

Não admito!

ADELA

Já não suporto o horror desta casa depois de ter provado o gosto da sua boca. Serei o que ele quiser que eu seja. Todo o povoado está contra mim, queimando-me com seus dedos de fogo. Sinto-me perseguida pelos que dizem que são decentes. Mas me perei a coroa de espinhos que se destina àquelas que são amantes de algum homem caso.

MARTÍRIO

Cala-te!

ADELA

Sim. Sim. *(Em voz baixa.)* – Vamos dormir, vamos deixar que se case com Angústias. Já não me importa. Mas eu irei para uma casa só minha, onde ele me verá quando bem desejar.

MARTÍRIO

Isso não acontecerá enquanto me restar uma gota de sangue.

ADELA

Não a ti, que és fraca. A um cavalo empinado sou capaz de pôr de joelhos com a força de meu dedo mindinho.

MARTÍRIO

Não levantas essa voz irritante. Tenho no coração uma revolta que, sem eu querer, me sufoca.

ADELA

E ensinam as irmãs a se estimar! Deus devia me ter deixado só na escuridão, porque te vejo como se nunca te tivesse visto.

(Ouve-se um assovio e Adela corre para a porta. Mas Martírio se põe diante dela.)

MARTÍRIO

Aonde vais?

ADELA

Sai da frente!

MARTÍRIO

Passa, se puderes!

ADELA

Afasta-te! *(Luta.)*

MARTÍRIO

(Aos gritos.) – Mãe! Mãe!

(Surge Bernarda. Em anágua, com um xale negro.)

BERNARDA

Fiquem quietas! Que pobreza a minha, não poder ter um raio entre os dedos!

MARTÍRIO

(Apontando Adela.) – Estava com ele! Olha essa anágua cheia de palha!

BERNARDA

A palha é a cama das malnascidas! *(Dirige-se furiosa para Adela.)*

ADELA

(Enfrentando-a) – Aqui se acabaram as vozes de prisão! *(Adela arrebatada a bengala das mãos da mãe e a parte em duas.)* – Faço isto com a vara da tirana! Não dê nem mais um passo. Só Pepe manda em mim.

MADALENA

(Entrando.) – Adela!

(Entram La Poncia e Angústias.)

ADELA

Eu sou uma mulher. *(À Angústias.)* – Fica sabendo, e vai dizer-lhe no curral. Ele dominará toda esta casa. Está aí fora, respirando como se fosse um leão.

ANGÚSTIAS

Meu Deus!

BERNARDA

A espingarda! Onde está a espingarda? *(Sai correndo.)*

(Martírio a acompanha. Entra Amélia pelo fundo e olha aterrorizada, com a cabeça encostada à parede.)

ADELA

Ninguém poderá comigo! *(Vai saindo.)*

ANGÚSTIAS

Daqui não saís com esse ar de quem venceu. Ladra! Desonra da nossa casa!

MADALENA

Deixa-a! Que se vá para onde não a vejam nunca mais!

BERNARDA

(Entrando.) – Atrave-te a buscá-lo agora!

MARTÍRIO

(Entrando.) – Acabou-se Pepe Romano!

ADELA

Pepe! Meu Deus! Pepe!

(Sai correndo.)

LA PONCIA

Mataste-o?

MARTÍRIO

Não. Fugiu no seu cavalo.

BERNARDA

Não foi culpa minha. Uma mulher não tem boa pontaria.

MADALENA

Por que o disseste, então?

MARTÍRIO

Por ela! Se pudesse, faria correr um rio de sangue sobre tua cabeça.

LA PONCIA

Maldita!

MADALENA

Endemoniada!

BERNARDA

Foi melhor assim. *(Ouve-se um ruído.)* – Adela! Adela!

LA PONCIA

(Na porta.) – Abre!

BERNARDA

Abre! Não creias que estas paredes defendam da vergonha.

CRIADA

(Entrando.) – Os vizinhos se levantaram!

BERNARDA

(Em voz baixa, como um rugido.) – Abre, senão arrombarei a porta! *(Pausa. Tudo permanece em silêncio.)* – Adela! *(Afasta-se da porta.)* - Busquem um martelo! *(La Poncia dá um empurrão e entra. Ao entrar solta um grito e sai.)* – Que foi?

LA PONCIA

(Levando as mãos ao pescoço.) – Que nenhuma de nós tenha este fim!

(Irmãs recuam. A Criada persigna-se. Bernarda solta um grito e avança.)

Não entres!

BERNARDA

Não! Eu não entrarei! Pepe, tu irás correndo vivo pela escuridão dos caminhos. Porém um dia cairás. Desçam-na da corda! Minha filha morreu virgem! Levem-na para seu quarto e vistam-na como uma donzela. Ninguém diga nada! Ela morreu virgem. Avisem para que ao amanhecer dobrem os sinos.

MARTÍRIO

Feliz ela mil vezes, que o pôde ter!

BERNARDA

Não quero choros! É preciso olhar a morte cara a cara. Silêncio! *(A outra Filha.)* – Calate, já te disse! *(A outra Filha.)* – Lágrimas, só quando estiveres só. Havemos de nos afundar todas num mar de luto. Ela, a filha mais nova de Bernarda Alba, morreu virgem. Ouviram? Silêncio, silêncio, já disse: Silêncio!

P a n o

(Sexta feira 19 de junho de 1936)

F I M